



## A MANDORLA ELÍPTICA E A IMAGEM ALQUÍMICA: UMA HERMENÊUTICA SIMBÓLICA A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

### *THE ELLIPTICAL MANDORLA AND THE ALCHEMICAL IMAGE: A SYMBOLIC HERMENEUTICS FROM ANALYTICAL PSYCHOLOGY*

Prof. Dr. Jorge Miklos<sup>i</sup>

Rodrigo Denohá Benguella Bueno<sup>ii</sup>

**RESUMO** – O presente ensaio investiga os aspectos simbólicos e psicológicos da imagem elíptica como expressão da mandorla alquímica, articulando fundamentos da Psicologia Analítica junguiana à tradição imaginal da alquimia ocidental. A pesquisa tem como eixo a busca por uma elaboração simbólica da forma elíptica, compreendida não como mera estrutura geométrica, mas como campo anímico de transmutação psíquica, evocando as operações do *opus alchymicum* — nigredo, albedo, citrinitas e rubedo. O objetivo é demonstrar como a imagem, em vez de representar conteúdos, atua como operador simbólico, instaurando um

campo de provação afetiva e convocando à individuação. A metodologia adotada é de base hermenêutica e simbólica, ancorada nas obras de Carl Gustav Jung, James Hillman e Edward Edinger, entre outros, com aportes da iconologia alquímica e da epistemologia da imagem. O corpus analítico consiste na imagem denominada *Vas Hermeticum*, concebida pelos autores por meio de gesto coletivo e interpretada como símbolo vivo da tensão criativa entre opostos psíquicos. Essa figura elíptica é analisada em sua dupla função: recipiente e substância catalisadora de experiências transformadoras no campo da alma. A análise desenvolve-



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

se a partir de três eixos: a) a forma elíptica como mandorla simbólica; b) a imagem como dispositivo de individuação; e c) o campo simbólico como forno psíquico — athanor — da transmutação interior. Conclui-se que a mandorla elíptica não representa uma harmonia reconciliadora, mas uma tensão fecunda entre polaridades inconciliáveis, cuja coexistência dá origem à ampliação da consciência e à metamorfose do sujeito. A imagem é compreendida como escritura aberta da alma, catalisando afetos, evocando sentidos e operando deslocamentos simbólicos profundos. O ensaio propõe, assim, uma hermenêutica simbólica da imagem como experiência, convocando a imaginação poética como caminho epistêmico e clínico para a escuta da psique contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE** – Psicologia Analítica; Alquimia; Mandorla; Individuação; Imagem simbólica; *Vas Hermeticum*

**ABSTRACT** – This essay investigates the symbolic and psychological dimensions of the elliptical image as an expression of the alchemical mandorla, articulating core concepts of Jungian Analytical Psychology with the imaginal tradition of Western alchemy. The research centers on the symbolic elaboration of the elliptical form, understood not as a mere geometric structure but as an animic field of psychic transmutation, evoking the operations of the opus alchymicum — nigredo, albedo, citrinitas, and rubedo. The aim is to demonstrate how the image, rather than representing content, functions as a symbolic

operator, establishing a field of affective ordeal and summoning the process of individuation. The methodology is hermeneutic and symbolic, grounded in the works of Carl Gustav Jung, James Hillman, and Edward Edinger, among others, and supported by alchemical iconology and the epistemology of the image. The analytical corpus comprises the image entitled *Vas Hermeticum*, collectively conceived by the authors and interpreted as a living symbol of the creative tension between psychic opposites. This elliptical figure is examined in its dual function as both vessel and substance, catalyzing transformative experiences within the soul field. The analysis unfolds along three axes: (a) the elliptical form as symbolic mandorla; (b) the image as a device for individuation; and (c) the symbolic field as a psychic furnace — athanor — of inner transmutation. The essay concludes that the elliptical mandorla does not symbolize reconciliatory harmony, but rather a fertile tension between irreconcilable polarities, whose coexistence generates expanded consciousness and the metamorphosis of the subject. The image is thus understood as an open script of the soul, catalyzing affects, evoking meaning, and enacting deep symbolic shifts. The essay proposes a symbolic hermeneutics of the image as experience, summoning poetic imagination as an epistemic and clinical path for listening to the contemporary psyche.

**KEYWORDS** – Analytical Psychology; Alchemy; Mandorla; Individuation; Symbolic Image; *Vas Hermeticum*.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309



Figura 1- *Vas Hermeticum*

## **Introdução: a imagem como enigma e travessia**

Há imagens que transcendem a mera representação e assumem a condição de transfiguração simbólica. Não se oferecem ao olhar como forma inerte ou objeto passível de decodificação; instauram-se, antes, como espaços vibrantes de tensão dinâmica e emergência sensível do sentido. Dentre tais manifestações visuais, destaca-se a elipse incandescente

— concebida no entrelaçamento entre arte e imaginação arquetípica — como expressão de um *Vas Hermeticum* contemporâneo: recipiente matricial no qual forças antagônicas são simultaneamente contidas, confrontadas e transmutadas.

O presente ensaio propõe uma investigação simbólica e psicológica da mandorla elíptica enquanto expressão imagética da dinâmica alquímica da alma. A imagem central — denominada *Vas*



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

*Hermeticum* — funciona como dispositivo reflexivo, evocando um campo psíquico em que se entrelaçam operações simbólicas relacionadas à individuação. Estudos anteriores — notadamente os de Carl Gustav Jung, James Hillman e Edward Edinger — já indicaram a relevância da alquimia como linguagem da psique e reveladora das tensões entre consciente e inconsciente. Contudo, permanecem incipientes as análises que abordam a imagem elíptica enquanto estrutura simbólica de transmutação psíquica, especialmente quando vinculada à mandorla como campo arquetípico de integração dos opostos.

Este ensaio objetiva examinar a função da imagem simbólica não apenas como representação, mas como operador de deslocamento interior, capaz de instaurar um campo de provação afetiva e favorecer a escuta da alma contemporânea. Parte-se da hipótese de que a mandorla elíptica, longe de sugerir harmonia reconciliadora, encarna uma tensão viva e criativa entre polaridades inconciliáveis, configurando espaço simbólico de metamorfose subjetiva.

Adota-se como enfoque teórico a Psicologia Analítica de matriz junguiana em articulação com a tradição imaginal da alquimia ocidental e os estudos da epistemologia da imagem. A metodologia escolhida é hermenêutica e simbólica, com ênfase na análise iconográfica do *Vas Hermeticum*, concebido coletivamente pelos autores. A imagem é interpretada como símbolo ativo que catalisa afetos, convoca sentidos e opera como forno interior — *athanor* — de transformação psíquica.

A escolha da mandorla elíptica como eixo reflexivo deste ensaio fundamenta-se em sua potência simbólica: imagem-limite que opera no entre — luz e sombra, masculino e feminino, matéria e espírito. Ao deslocar o olhar da mera representação para a operação simbólica da imagem, abre-se espaço para uma escuta ampliada da psique contemporânea, marcada por fragmentação, dissonância e sede de sentido. Em tempos em que a imagem tende a ser esvaziada de densidade arquetípica e reduzida à superfície estética, urge resgatar sua vocação transfiguradora — sua função de vaso e caminho. Este trabalho justifica-se por sua contribuição ao aprofundamento do



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

diálogo entre imaginação simbólica, prática clínica e tradição arquetípica, oferecendo subsídios para o pensamento analítico, poético e epistêmico.

O diálogo entre alquimia e Psicologia Analítica tem em Jung seu principal marco fundacional, especialmente a partir da leitura da *magnum opus* como metáfora da individuação. Jung compreende os estágios alquímicos — *nigredo*, *albedo*, *citrinitas e rubedo* — como reflexos das transformações da psique rumo à totalidade. Essa abordagem é aprofundada por Edinger, que interpreta o rubedo como culminância da incorporação do paradoxo, e por Hillman, cuja psicologia imaginal desloca o foco da cura para o cultivo das imagens da alma. Contribuições contemporâneas também exploram o valor simbólico da mandorla — como Todorova, ao analisá-la como símbolo arcaico da sacralidade — e a função epistemológica das imagens, como nos estudos da iconologia alquímica e da hermenêutica simbólica.

A partir desse conjunto teórico, o presente ensaio insere-se na tradição que compreende a imagem como escritura aberta da alma, catalisadora de experiências

psíquicas e transfiguradora de sentidos.

## O Recipiente Alquímico da Psique

Desde a Antiguidade clássica, a alquimia concebe o *Vas Hermeticum* como entidade que transcende sua materialidade imediata, configurando-se como símbolo denso e polissêmico, impregnado de ressonâncias espirituais e psíquicas. Selado para impedir a dissipação das energias sutis, o vaso alquímico constitui-se como espaço simbólico no qual se realiza a *opus* — a grande obra de transmutação.

Em Zóximo de Panópolis, alquimista egípcio do século III, esse recipiente emerge como matriz do processo alquímico, lugar ambivalente de dissolução e coagulação, morte e renascimento. Segundo Mircea Eliade (1978), o *Vas Hermeticum*, na tradição de Zóximo, é simultaneamente *athanor* (forno), túmulo do velho homem, útero da regeneração e templo da hierogamia das substâncias — síntese simbólica que o vincula ao arquétipo do recipiente feminino universal: matriz, caverna, gruta, útero cósmico. Trata-se de um espaço sagrado no qual o caos é



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

ritualmente contido e transfigurado em cosmos.

C. G. Jung retoma essa imagem ancestral à luz da psicologia profunda, interpretando o vaso como emblema da própria psique. Equiparado ao *setting* analítico — campo selado, protegido e ritualizado —, o *vas* torna-se cenário simbólico da metamorfose interior. Em sua leitura das visões de Zóximo, Jung compreende o forno como altar e o vaso como cadinho de sacrifício e renascimento, no qual o velho eu é dissolvido para dar lugar ao novo (JUNG, 2012, p. 378).

O *Vas Hermeticum* configura-se, assim, como imagem paradigmática de um campo tensionado: espaço vibrátil que sustenta a convivência dos opostos — consciente e inconsciente, masculino e feminino, luz e sombra — sem sucumbir à fragmentação. Quando simbolicamente contida, a tensão psíquica revela-se fecunda e transformadora; sua recusa, por outro lado, engendra disjunções interiores ou explosões impulsivas. Assim como no laboratório alquímico o vaso deve permanecer lacrado até a consumação da *opus*, na análise psicológica a contenção simbólica da experiência emocional constitui a própria condição da

transmutação da alma: “O *vas hermeticum* não é apenas o recipiente material, mas também o símbolo do próprio campo psíquico no qual os opostos podem ser contidos e transformados. Esta imagem representa a totalidade da alma que se autorrealiza” (JUNG, 2013, p. 251).

Tal concepção encontra ressonância na perspectiva arquetípica de James Hillman, para quem a alma é o espaço simbólico no qual as imagens e os sofrimentos humanos são inscritos, sustentados e transmutados em sentido. Longe de um mero receptáculo passivo, a psique, em sua dimensão anímica, configura-se como um útero psíquico capaz de dar forma ao vivido por meio da imaginação. Evocando a metáfora da “semente” ou “centelha interior”, Hillman assevera que “cada pessoa tem um caráter único que lhe pede para ser vivido, e é a partir dessa centelha interior que a vida encontra sua direção, seu sentido” (HILLMAN, 2025, p. 27). A vocação, nesse contexto, não se impõe de fora, mas emerge da escuta profunda e do cuidado com esse núcleo imaginal que pulsa desde sempre na alma. Sem contenção, não há elaboração possível — o recipiente interior,



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

portanto, constitui a própria condição da imaginação e da direção existencial.

O *vas*, nesse contexto, transcende sua dimensão material e adquire valor simbólico sob a configuração de campo relacional e analítico — espaço de presença e escuta, no qual a matéria sutil se recolhe para incandescer-se. Em seu interior, os elementos em dissenso são ativados, dissolvidos e integrados, em um processo que demanda tempo, calor simbólico e um recipiente de robustez suficiente para não se quebrantar.

Ao assumir a elipse como forma do *Vas Hermeticum*, a imagem concebida por Jorge Miklos e Rodrigo Bueno, radicaliza essa concepção: não se trata de um receptáculo estático ou geometricamente simétrico, e sim de um campo pulsátil, orgânico, em perpétuo desequilíbrio criativo — espaço sagrado e instável, no qual a centelha interior, em combustão, se deixa transfigurar: “O *vas hermeticum* é uma imagem da alma contida e recolhida em si mesma, em que os elementos psíquicos, mantidos sob pressão, podem sofrer transformação.” (JUNG, 2013, p. 273).

## A Elipse da incompletude

Diversamente do círculo — emblema da perfeição geométrica e da totalidade estática —, a elipse convoca à experiência do movimento, da assimetria e da polaridade constitutiva. Ao passo que o círculo gira em torno de um único centro, a elipse se organiza mediante dois focos tensionais, tornando-se figura que incorpora o deslocamento, a alteridade e o desequilíbrio criativo. No plano simbólico, tal forma denota que o ser humano não gravita em torno de um eixo exclusivo de sentido, antes se configura como sujeito tensionado por forças antagônicas que o interpelam em direções divergentes.

Conforme assevera Jung, “o círculo é um símbolo da psique na sua totalidade. O Self aparece simbolizado em imagens redondas como rodas, mandalas e círculos. [...] sua forma encerrada sugere a ideia de perfeição e de uma unidade protegida” (JUNG, 2011, p. 312). Essa imagem, no entanto, também comporta um risco de clausura: “O mandala simboliza, por meio de seu centro, a última unidade de todos os arquétipos como também a multiplicidade do mundo dos fenômenos, e forma por isso a correspondência empírica para o



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

conceito metafísico do *unus mundus* (mundo uno)” (JUNG, 2012, p. 326).

A elipse, em contraposição, dissolve a centralidade absoluta e inscreve a tensão como condição arquetípica da centelha interior em travessia. Sob essa ótica, ela aproxima-se do arquétipo da individuação — um processo não linear que se desdobra entre opostos que não se anulam, mas se integram simbolicamente. James Hall descreve esse movimento como “uma série de aproximações sucessivas ao redor do Self, como numa circum-ambulação” (HALL, 1998, p. 121), evocando a imagem ritual de giros sagrados que, a cada volta, aprofundam a escuta e a transformação.

Murray Stein, por sua vez, utiliza a metáfora do zig-zague para ilustrar a trajetória da individuação, descrevendo-a como errática e descontínua: “O Self é o ponto de referência e o centro organizador do processo de individuação, mas o movimento em sua direção é feito em zig-zague, e não em linha reta” (STEIN, 2020, p. 39). Trata-se de um percurso feito de desvios e recuos, no qual o inconsciente impõe rupturas e reformulações — exigindo do ego flexibilidade, escuta simbólica e

abertura à alteridade. Ambas as imagens — zig-zague e circum-ambulação — convergem na figura geométrica da elipse, que pulsa entre dois centros de gravidade, inscrevendo o sujeito num campo de tensões arquetípicas. Nessa perspectiva, a elipse traduz com acuidade o dinamismo da psique em constante reformulação — órbita interna que abriga e transforma os opostos em fricção criadora.

É nesse contexto que a mandorla adquire pregnância simbólica. Derivada do italiano *mandorla* (“amêndoa”), corresponde à figura elíptica originada pela interseção de dois círculos. Do ponto de vista simbólico, representa o espaço sagrado em que realidades díspares se encontram — céu e terra, espírito e matéria, consciente e inconsciente — sem que nenhuma delas seja obliterada. Todorova (2016) destaca que ela “atua como uma janela para o transcendente”, evocando a passagem entre o visível e o invisível, o humano e o divino.

Na tradição da geometria sagrada, a mandorla, derivada da *vesica piscis*, figura o arquétipo da fecundidade e do nascimento espiritual. Como aponta Pardesco (2023), “a *vesica piscis* é uma



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

metáfora do nascimento do universo, da essência psíquica e da consciência: um limiar que sustenta o encontro entre a fonte e a manifestação”. Nesse sentido, sua presença na iconografia medieval não é apenas decorativa, mas revela simbolicamente o “entre” como lugar do devir e da revelação.

Psicologicamente, a mandorla é imagem do Self em processo — figura da *coniunctio*, em que os opostos coexistem sem se anular. Para Jung (2013), essa totalidade psíquica só pode emergir por meio da tensão simbólica entre as polaridades. Ao unir esferas distintas sem dissolvê-las, a mandorla se converte em emblema da individuação: imagem operativa de um equilíbrio dinâmico e da reinvenção constante da interioridade.

Assumir a elipse como forma simbólica da psique é reconhecer que o processo de individuação não se realiza por simetria perfeita nem culmina em harmonia idealizada. Ele se dá por itinerários erráticos, provisórios, profundamente humanos em sua tessitura. O inconsciente simbólico não se orienta por geometrias fixas, mas desenha órbitas assimétricas, onde a fricção dos contrários engendra sentido. O centro da alma, nesse

modelo, pulsa não pela estabilidade, mas pela metamorfose contínua. A elipse não apenas simboliza a centelha interior — ela a encarna em sua essência tensionada, ambígua e em perpétuo movimento.

## Psique alquímica

Mais do que um ofício protoquímico, a tradição alquímica constitui uma via simbólica de autoconhecimento e transfiguração da substância imaginal. Suas quatro fases cromáticas — *nigredo*, *albedo*, *citrinitas* e *rubedo* — foram reinterpretadas por Carl Gustav Jung como imagens arquetípicas do processo de individuação. Cada tonalidade, nessa ótica, expressa uma estação interior atravessada por provações, clarificações e sínteses psíquicas. A imagem da *mandorla* inspira-se nesse itinerário simbólico, articulando arte e psicologia em um gesto visual de profunda potência transformadora.

Enquanto prática hermenêutica e realização espiritual, a alquimia legou à cultura ocidental um roteiro iniciático marcado por essas quatro etapas simbólicas. Mais do que operações materiais ou metáforas poéticas, elas refletem dinâmicas arquetípicas de purificação e



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

reintegração interior. Cada cor não apenas evoca uma mutação da matéria, mas também simboliza estados de consciência em trânsito, perpassados por sofrimentos transmutadores, encontros com a sombra e eclosões de sentido. Sob essa perspectiva, a análise psicológica se revela como travessia simbólica na qual o sujeito é convocado a reconciliar os opostos da psique, percorrendo, em espirais, o caminho rumo à inteireza.

Cada fase, longe de representar um simples fenômeno material, reflete uma paisagem interna, marcada por tensões arquetípicas, sofrimentos transformadores e irrupções de sentido. Assim, a experiência analítica, sob a lente da psicologia junguiana, torna-se um percurso simbólico de individuação, no qual o sujeito é chamado a elaborar suas contradições internas e integrar os opostos da alma. Como afirma James Hall,

a individuação envolve, além do tratamento clínico, o desenvolvimento religioso pessoal e a atenção para com questões científicas relativas à natureza da matéria, da mente e da causalidade. [...] O amplo espectro do pensamento junguiano nos oferece uma das mais poéticas e realistas

abordagens da psique humana em todo o campo da teoria psicoterapêutica” (HALL, 1988, p. 11-12).

Jung, ao mergulhar hermeneuticamente nos tratados alquímicos, reconheceu na *magnum opus* uma dramatização simbólica do caminho de individuação. Nesse contexto, a matéria não é passiva: torna-se imagem animada da psique em movimento. O *nigredo* instaura a dissolução das formas cristalizadas; o *albedo* irrompe como claridade purificadora; a *citrinitas*, tantas vezes negligenciada, ressurgue como aurora do discernimento; e o *rubedo* celebra a integração dos opostos num fulgor unificante. A alma, nesse percurso, colora-se com os matizes do fogo e da sombra, da luz e da síntese, realizando-se em espirais de transmutação. A alquimia, nesse sentido, não é técnica, mas uma teopoética da essência anímica — a matéria se converte em espelho e sacramento. Como assevera Jung: “A projeção alquímica torna visível o processo interior de transformação da psique, tornando a matéria uma metáfora viva da alma” (JUNG, 2021, p. 274).



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

## **Nigredo: o caos necessário**

O *nigredo*, ou obra em negro, marca o limiar sombrio da travessia interior. Representa a etapa da putrefação simbólica, da confusão anímica, da imersão nas trevas do inconsciente e do colapso do ego inflado. Jung afirma: “A primeira fase da *opus* é o *nigredo*, significando confusão, desespero, solidão e aflição de espírito” (JUNG, 2013, p. 279).

Neste ponto, o sujeito se defronta com sua sombra — aquilo que foi rejeitado, silenciado ou relegado às profundezas psíquicas. Edward Edinger amplia essa visão ao afirmar que, no *nigredo*, o indivíduo vivencia uma espécie de morte iniciática: “A experiência do *nigredo* é essencial. Sem ela, a luz da consciência seria uma ilusão superficial. É necessário descer às entranhas do ser” (EDINGER, 1995, p. 84).

A escuridão, portanto, não é meramente um vazio ou colapso, mas um útero simbólico — espaço matricial onde o novo, ainda informe, começa a gestar-se no silêncio e na densidade da noite da alma.

## **Albedo: a luz da reconciliação**

Após o mergulho na treva primordial, surge o *albedo*, ou obra

em branco. Essa etapa corresponde à purificação interior, à clarificação da matéria sutil antes turvada pela angústia e pelo caos psíquico. Jung escreve: “*Albedo* significa a emersão de uma nova luz a partir da escuridão do inconsciente. Ela representa a purificação, a reconciliação, o surgimento da esperança” (JUNG, 2013, p. 282).

Trata-se de um momento de diferenciação lúcida, no qual conteúdos outrora inconscientes começam a ser assimilados pelo ego. A imagem da brancura evoca o feminino espiritualizado — Sophia, a alma do mundo — ou a lua, que reflete a luz do Self. Inicia-se, assim, um afastamento das zonas sombrias, mesmo que a integração definitiva ainda se desenhe à distância.

O *albedo* manifesta-se como um intervalo de clareza psíquica, uma espécie de aurora simbólica da consciência, em que a alma vislumbra sua reintegração, mesmo que tenuemente iluminada. É uma pausa luminosa no percurso da individuação — marcada por discernimento, leveza e pela primeira intuição da totalidade, como se o espírito, por um breve instante, respirasse aliviado da noite escura da alma.



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

### **Citrinitas: a alvorada do sentido**

Tradicionalmente eclipsada ou diluída entre o *albedo* e o *rubedo*, a *citrinitas* ressurge com vigor nas interpretações de autores como Edinger e Stein. Esta etapa simboliza a aurora dourada da consciência espiritual — a irrupção do sol interior. Edinger afirma: “A *citrinitas* marca a irrupção do significado simbólico. É a percepção do *Self* como fonte de sentido e orientação interna” (EDINGER, 1995, p. 91).

Neste ponto da jornada, a consciência se torna capaz de apreender estruturas arquetípicas antes ocultas, conduzindo a uma reordenação do mundo interno sob nova luz. O ego, já atravessado e depurado pelas fases anteriores, alinha-se agora a um campo de significação mais vasto, no qual os acontecimentos da vida adquirem espessura simbólica. O amarelo solar, para além da lucidez que evoca, expressa a fecundidade anímica: é a fase em que a centelha interior começa a gerar imagens, metáforas e novos sentidos para experiências pretéritas.

Ao contrário do alívio diáfano do *albedo*, a *citrinitas* irradia calor vital e fulgor criativo, sinalizando a iminência da unificação. A psique,

em contato direto com a presença do *Self*, inicia uma dança entre intuição e clareza, entre sopros de inspiração e lampejos de discernimento — prenúncio da totalidade que se anuncia, mas ainda não se consuma.

### **Rubedo: a encarnação da totalidade**

Por fim, a *rubedo* assinala o ápice da *magnum opus*. O vermelho do sangue, do *eros* e da paixão sinaliza o renascimento ardente da interioridade. Jung afirma: “A *rubedo* é a consumação da *coniunctio*. Representa a união dos contrários na consciência, e a emergência de uma nova totalidade” (JUNG, 2013, p. 287).

Não se trata aqui de uma fusão simplista entre opostos, mas de uma síntese vibrante e criadora, na qual a tensão é mantida como núcleo da transfiguração anímica. Esta fase alude ao *Self* em sua manifestação plena — momento em que a alma, translúcida em sua ambivalência, deixa entrever a inteireza que pulsa nas profundezas. É uma aurora simbólica: não a supressão do conflito, mas sua incandescência transformadora — um rubor alquímico que não elimina os



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

contrários, e sim os põe a bailar em convivência fecunda.

A mandorla cromática não figura apenas como emblema visual da jornada interior, mas como encarnação simbólica do movimento psíquico em direção à inteireza. Ao reunir as quatro fases alquímicas num único gesto circular, a imagem sugere a continuidade do processo de individuação, no qual cada fim se abre como novo início, e cada cor vibra como frequência singular do ser.

Desse modo, o traço que começa nas sombras e culmina em rubor não encerra um ciclo, mas desvela o símbolo do eterno retorno da consciência, que se expande, se aprofunda e se reconfigura no diálogo com o invisível. É nesse movimento espiralado que a alma se torna imagem viva da mandorla arquetípica — campo de tensão, encontro e metamorfose.

## **Cores como afetos da travessia**

As quatro etapas da *magnum opus* não se delineiam como uma sequência linear nem como compartimentos rígidos; com frequência, o *nigredo* ressurge mesmo após o advento do *rubedo*, evidenciando que o movimento psíquico obedece a uma lógica

circular e espiralada. Além disso, tais fases não se restringem a longos períodos: podem manifestar-se em microfissuras — um sonho, uma sessão analítica, uma perda súbita, um lampejo de consciência. Ao refletir sobre a natureza dessa travessia, Jung observa: “O processo de individuação não segue uma linha reta. Ele se move em espiral, voltando repetidamente aos mesmos temas, mas em níveis mais profundos” (JUNG, 2013, p. 300), sublinhando que a jornada anímica exige revisitações constantes, nas quais cada retorno implica ampliação.

A imagem elíptica que estrutura simbolicamente este ensaio convoca as cores alquímicas não como meros signos, mas como afetos pulsantes. O negro, no centro, evoca o caos originário; o branco, disposto ao seu redor, anuncia a clareira inaugural; o amarelo incide como centelha de sentido emergente; o vermelho vibra como força de transfiguração. Inseridas na elipse, essas cores não obedecem a sequência fixa: manifestam-se de modo orgânico, dissonante e rítmico, seguindo a pulsação da matéria sutil em constante metamorfose.

Assumir a elipse como expressão simbólica da centelha interior é



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

admitir que a individuação não se dá por simetria perfeita nem por idealizações harmônicas, como insinua o círculo; ela se concretiza por meio de um trajeto errante, provisório e inacabado — justamente por isso, profundamente humano. A elipse simboliza a fertilidade da imperfeição: em vez de um centro estático, ela abriga dois polos tensionais, revelando que a psique se movimenta entre forças divergentes, desenhando órbitas abertas ao imprevisto, ao desequilíbrio criativo, à incompletude como potência.

Dentro desse horizonte arquetípico, o *Vas Hermeticum* — matriz primeira da *opus* alquímica — também adquire forma elíptica. Nele não repousa uma substância pura ou homogênea; abriga-se um campo tenso, uma matéria ambígua, viva e geradora. O tempo que o percorre não é linha contínua nem círculo fechado: é espiral elíptica, curvada por afetos, perdas, lampejos e recomeços.

## A elipse: forma da imperfeição sagrada

A obra visual *Vas Hermeticum* (2025), concebida por Jorge Miklos e Rodrigo Bueno, transcende o artefato estético para tornar-se

encarnação simbólica do inconsciente. Sua composição elíptica, a gestualidade dos traços e o uso intencional das quatro cores — negro, branco, amarelo e vermelho — evocam o itinerário arquetípico da psique, tal como descrito por Jung, Edinger e pelos alquimistas da tradição hermética. A imagem transforma-se em campo simbólico denso, pleno de ressonâncias e camadas de significação.

A eleição da elipse como forma central revela uma concepção ontológica da substância imaginal enquanto campo psíquico de travessias e tensões. Em contraste com o círculo — emblema da completude estática —, a elipse manifesta um dinamismo instável, definida por dois focos em relação tensa, cuja órbita pulsa e vibra sem jamais fixar-se. Expressa, assim, a lógica da individuação como processo não linear, mas dialético, em que “a totalidade não é alcançada pela anulação dos contrários, e sim por sua permanência simbólica no campo da consciência” (JUNG, 2013, p. 287).

Para Jung, individuar-se não significa atingir uma unidade imóvel, mas constituir um Self capaz de sustentar o paradoxo e a



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

diversidade interior, pois “a alma amadurece quando aprende a viver entre os polos e não à custa de um deles” (JUNG, 2013, p. 94). A elipse espelha essa travessia: sem centro único, abriga dois polos em permanente ressonância com pares arquetípicos — inconsciente/consciente, *anima/animus*, *eros/logos*. Em lugar da harmonia imóvel da esfera, propõe a tensão viva de uma órbita criativa.

No âmago dessa figura, o entrelaçado de cores e linhas remete ao caos gerador da alma: traços que se cruzam sem anular-se, matizes que tangenciam sem fundir-se. Não há estado fixo ou narrativa resolutiva — há vibração simbólica em constante germinação. O gesto artístico não interpreta nem encerra; antes, convoca sentidos e instaura o símbolo como presença viva e operante.

A imagem, portanto, não figura a individuação como resultado, e sim como processo: “O vaso alquímico é o campo psíquico no qual os opostos se encontram, reagem entre si e se transformam” (EDINGER, 1995, p. 97). Assim como o vaso hermético não é recipiente passivo, a imagem tampouco é neutra: ela incandesce

sob o calor dos afetos e precipita estados emergentes de consciência.

Assumir a elipse como figura da alma é afirmar que a inteireza não se dá num centro imóvel, e sim no entre — esse espaço liminar e fértil em que os opostos dançam em fricção criadora. Longe de indicar ausência, esse entrelugar traduz a plenitude contingente do psiquismo, no qual cada oscilação interna exprime uma metanoia em movimento. A elipse não conclui; desvela. Não limita; evoca. Acolhe a ambivalência como força formativa, tece o desequilíbrio criativo como estrutura viva da experiência simbólica.

Nesse gesto hermenêutico e visual, o inconsciente não é reduzido a conceito ou representação: manifesta-se como presença viva, fulcro do imaginário arquetípico. Tocado em sua idiosincrasia mais íntima, emerge como repositório de imagens disruptivas e primordiais, cujo efeito não se traduz em explicação, mas em arroubo — uma introspecção que desnuda e transmuta. A imagem não ilustra: corporifica o invisível. Revela-se como epifania de uma ascese psíquica, cuja leitura se faz não pela via lógica, e sim por uma fruição sutil entre os polos da elipse



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

— campo de entropia criadora, no qual o Self se deixa entrever como silêncio palpitante e presença paradoxal.

## Imagem como recipiente

A totalidade da obra remete ao *Vas Hermeticum*, repositório simbólico da transmutação anímica. Não se reduz a suporte formal, pois a elipse opera como continente e conteúdo, estrutura e fluxo, corpo e verbo. Tal qual a alquimia ancestral, em que a matéria selada no vaso atravessava as fases do *opus*, a imagem se enrosca em si não para clausurar-se, mas para fecundar um campo simbólico em combustão contínua. O olhar que a penetra é convocado à reversão perceptiva — transforma-se em fulcro do próprio processo.

A imagem não representa, age. Não se oferta como ilustração, e sim como realidade simbólica em mutação incessante. O vas elíptico encarna a antinomia entre forma e devir, instaurando-se como palimpsesto anímico, tecido de tensões e fruições, espaço iconoclasta em que o visível se transmuta em hierofania e o espectador em partícipe de uma alquimia interior. Trata-se de um recipiente ontológico e

gnoseológico, apto a acolher a entropia psíquica e convertê-la em campo de revelação e metanoia.

A imagem convoca os quatro elementos — terra, água, ar e fogo — em consonância com as operações alquímicas (*solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *coniunctio*), que, à luz da Psicologia Analítica, espelham os estágios da alma: o negro dissolve o ego cristalizado; o branco purifica a consciência; o amarelo irrompe como centelha do insight; o vermelho consagra a tensão dos contrários como potência criadora. A imagem não descreve tais fases — encarna-as.

Torna-se mandala disruptiva, ou mandala insurgente: não encerra, instiga; não acomoda, convoca. Suas bordas não contêm — dilatam. O símbolo não é resolvido, mas mantido em latência significativa. A imagem não apazigua: reverbera. Não finaliza: inaugura. É campo de entropia simbólica, palco no qual o invisível se inscreve no visível como hierofania imanente.

Essa provocação se intensifica na assinatura dupla — que manifesta o caráter coautorial da criação imaginal. Sem um centro exclusivo, a composição ecoa a multiplicidade afetiva do inconsciente. A colaboração



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

simboliza, nesse sentido, a *personalidade total (Ganzheit)*, em que consciência e alteridade dialogam como partes de um todo em tensão (JUNG, 2013, p. 285).

Esse gesto criativo ressoa a tradição alquímica, em que o *operator* não atua isoladamente, mas em confluência com forças naturais e influxos do espírito. A *coniunctio*, nesse contexto, não é fusão apaziguadora, mas enlace paradoxal — um vínculo entre opostos que não se anulam, mas se escutam. A imagem resultante não reflete uma unidade originária: expressa uma centelha contingente, filigrana anímica de singularidades que, ao se entrelaçarem, fecundam o símbolo.

*Vas Hermeticum* não descreve: transfigura. Atua como operador simbólico, instaurando um campo propício à travessia interior — convite à descida no *nigredo*, à claridade do *albedo*, ao fulgor da *citrinitas* e ao rubor integrador do *rubedo*. É imagem que age: catalisa, convoca, precipita.

O símbolo, nesse horizonte, não ilustra conteúdos inconscientes — instaura uma potência transformadora que incide no olhar e no psiquismo. *Vas Hermeticum* abandona a função representativa e transita para a operação anímica:

imagem-ritual, epifania atuante, campo de eclosões simbólicas.

“O vaso hermético é, antes de tudo, um símbolo do inconsciente. É o recipiente fechado onde se realiza o processo alquímico da transformação da psique” (EDINGER, 1995, p. 69). Tal afirmação fundamenta a concepção do *vas* elíptico como *athanor* — forno da alma, onde a matéria interior se transmuta sob a pressão dos afetos e das tensões arquetípicas.

Não se trata, pois, de uma obra plástica encerrada em si, mas de escritura aberta, perpassada por ambivalências e pulsações. A imagem opera como provação simbólica, alquimia da visão, espaço em que o olhar é convocado à travessia. *Vas Hermeticum* converte-se, assim, no verdadeiro *athanor*: ventre ardente da psique, laboratório do invisível, mandorla em combustão.

## Considerações finais: a elipse como ética da incompletude

A imagem elíptica não apenas estrutura formalmente o ensaio ora delineado; configura, concomitantemente, uma ética anímica do olhar e do existir. Tal figura transcende a função compositiva: ergue-se como



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3                      Ano II                      junho /2025  
ISSN 3085-7309

hierofania simbólica que recusa a falácia da totalidade encerrada, a rigidez do círculo perfeito e a ilusão de respostas definitivas. Em contrapartida, a elipse emerge enquanto arquétipo da psique — entidade dialética, movente, ambivalente, atravessada por antinomias e arroubos que desestabilizam qualquer ideal de simetria conclusiva. Nela, pulsa a alteridade, vibra a dissonância, cintila a incompletude como potência. A individuação, sob tal prisma, não se delinea como trajetória retilínea em direção a um suposto equilíbrio, senão como espiral disruptiva, em que o Self se engendra no entre: entre sombra e consciência, entre eros e logos, entre caos e sentido. A totalidade, nesse espectro, não repousa no fechamento apaziguador, tampouco na harmonia ilusória, e sim na convivência equânime com o inacabado — expressão viva da facticidade psíquica e da metanoia incessante. Trata-se, portanto, de um chamado à cognição simbólica, à introspecção imaginal e à fruição poética do inefável.

Sob essa perspectiva, a elipse remete a um percurso que jamais retorna ao ponto originário, embora o revise sob forma transmutada. Essa repetição com diferença alude,

igualmente, ao labor da essência psíquica como constante elaboração do sofrimento, da sombra, do desejo e do sentido — não para suprimi-los, senão para integrá-los de modo criativo.

A forma elíptica associa-se aqui à Mandorla Alquímica: interseção entre dois mundos, zona de convergência entre opostos da qual o novo pode emergir. A mandorla, símbolo ancestral da conjunção entre extremos — espírito e matéria, consciente e inconsciente, masculino e feminino — manifesta-se como campo psíquico de fecundação arquetípica. Não se trata de fusão, e sim de tensão sustentada. Nesse sentido, a mandorla revela-se imagem viva da individuação como dialética encarnada.

A elipse, enquanto imagem simbólica, não visa extirpar o sofrimento, senão promover seu transbordamento poético. Sustenta o paradoxo: dois focos em tensão permanente, forças em dança — vida e morte, eros e tânatos, forma e caos. Tal disposição nos distancia da ideia de normalização e nos aproxima de uma ética do cuidado, na qual a alteridade interior não é concebida como patologia, e sim como potência transfiguradora.



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

Essa ética da incompletude configura-se, pois, como ética da escuta. Escutar uma imagem elíptica demanda de nós disposição contemplativa, aptidão para habitar a dúvida, a abertura e a oscilação. Ele se aplica à práxis analítica: acompanhar uma imagem, um afeto, um sonho, um gesto — sem apressar sua significância, sem reduzi-la à interpretação.

O *Vas Hermeticum*, aqui transfigurado em elipse imaginal, revela-se não apenas recipiente de um processo, senão também seu agente. Em sua função de dinâmica gestacional e campo simbólico da alquimia da substância imaginal, conserva forças transformadoras em combustão, exigindo um "selo" psíquico capaz de sustentar o calor da transmutação interior. Convoca o sujeito à travessia, que jamais se desenha de forma linear ou previsível. A imagem converte-se em companheira de percurso, como oráculo que não responde, e sim provoca. O símbolo, nesse horizonte, deixa de ser chave que abre um segredo e torna-se

paisagem que se percorre, metamorfoseando aquele que nela caminha.

A individuação, nesse prisma, configura-se menos como projeto de realização pessoal e mais como experiência de escuta das imagens interiores. Não se traduz em meta, e sim em travessia contínua. A elipse encarna tal presença por meio de sua forma: ela não aponta ao centro, e sim aos deslocamentos anímicos.

Encerrar o presente ensaio com a elipse significa, portanto, aceitar que não há encerramento — senão ritmos, refluxos e reverberações. Como mandorla incandescente, ela permanece aberta, abrindo-se. Um umbral não encerrado, um vaso que pulsa em silêncio, um campo no qual os opostos dançam sem se anular. Talvez toda alma se configure assim: uma elipse em combustão lenta, alquimia que se refaz a cada sopro do invisível. E se o símbolo não oferece resposta, é por sua natureza inquietante — como sonho que insiste mesmo após o alvorecer, ou como ausência que, ao reiterar-se, nos revela inteiros.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDINGER, Edward F. *Anatomia da psique: alquimia e a transformação da consciência*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1995.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Tradução de Rogério Duarte. 3. ed. São Paulo: Edições Livros do Brasil, 1978.

HALL, James A. *A experiência junguiana: análise e individuação*. Tradução de Ana Ubaldina Sobral e Maria Silvia Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1988.

HILLMAN, James. *O código da alma: uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025.

JUNG, Carl Gustav. *Estudos alquímicos*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas, v. 13)

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas, v. 12)

JUNG, Carl Gustav. *Mysterium coniunctionis: estudos sobre as separações e uniões psíquicas na alquimia*. Tradução de Luiz Fernando Marques. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obras completas, v. 14/2)

PARDESCO. *The vesica piscis: a divine symbol*. 2023. Disponível em: <https://pardesco.com/blogs/sacred-geometry/the-vesica-piscis-a-divine-symbol>. Acesso em: 21 jul. 2025.

TODOROVA, Rositsa. *The aureole and the mandorla: aspects of the symbol of the sacral from ancient cultures to Christianity*. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313297237>. Acesso em: 21 jul. 2025.

---

<sup>i</sup> Doutor em Comunicação, Mestre em Ciências da Religião, Especialista em Psicologia Junguiana, Bacharel em História, Ciências Sociais e Psicologia.

**E-mail:** [jorge.miklos@gmail.com](mailto:jorge.miklos@gmail.com)



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 3      Ano II      junho /2025  
ISSN 3085-7309

---

ii Bacharel em Desenho Industrial; Especialista em História da Arte e  
Cultura Contemporânea; Licenciatura em Pedagogia

**E-mail:** [drigobueno@hotmail.com](mailto:drigobueno@hotmail.com)